

AS ESTRUTURAS DA PSICOSE: TRANSFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO EM CASOS-LIMITE

Publicado em Revista do Tempo Psicanalítico, número 30, Ed. SPID, R.J., pags. 175-199, 1998 ISSN-4838

D) Introdução

Foi Levi-Strauss (1949) quem aproximou a psicanálise e o estruturalismo linguístico. Em “As estruturas elementares do parentesco” conferiu densidade teórica à universalidade antropológica do Complexo de Édipo freudiano, apoiando a hipótese de Geza Roheim (1928) da homologia entre as estruturas de parentesco patrilineares e matrilineares. Levi-Strauss sepulta as discussões entre freudianos legitimistas (defensores da universalidade do complexo de Édipo) e freudianos culturalistas (defensores da diversidade das formas culturais). De acordo com a interpretação estruturalista de Levi-Strauss do Édipo freudiano, a proibição do incesto é o mecanismo de passagem da natureza à cultura e é responsável pela regulação das trocas matrimoniais, estruturante das relações de parentesco e absolutamente autônomo em relação às consciências individuais¹. O inconsciente freudiano seria, desde a interpretação estruturalista de Levi-Strauss, esse lugar vazio onde se cumpre a autonomia da função simbólica, onde a articulação significativa precede e determina o significado. Em 21/5/1956, numa intervenção à exposição de Lévi-Strauss, Lacan confessa ter sido abalado pelas “Estruturas elementares do parentesco”. Essas o levaram a resituar a função do significante que, no sentido linguístico, distingue-se por suas leis e por sua prevalência sobre o significado. Em 4/3/1953, em o “Mito individual do neurótico” Lacan aplicou a estrutura do parentesco para mostrar como pode ser transmitida às gerações posteriores uma inversão da regra derivada da interdição do incesto: ao invés da obrigação de contratar alianças análogas, uma proibição de fazê-lo. A neurose obsessiva seria então a consequência da repetição invertida de uma mesma estrutura significativa. Essa foi a primeira utilização do termo nome/não do pai. Ela

¹A exclusão das relações do tipo incestuoso, entre gerações e entre irmãos organiza tanto as filiações matrilineares quanto as patrilineares.. A regra para a contratação de novas alianças pode ser positiva ou negativa, isto é, pode exigir que sejam idênticas às dos pai ou que sejam obrigatoriamente diferentes.

se dá no contexto de uma discussão clínico-antropológica sobre o declínio da função paterna nas sociedades ocidentais e sua relação com o incremento das neuroses obsessivas.²

Também a teoria lacaniana da psicose como uma estrutura - que resulta da forclusão do nome-do-pai - tinha como alvo intervir num importante debate clínico: o das alterações técnicas recomendadas nos casos-limite³. Na perspectiva anglo-saxônica, dominante na IPA, a fronteira que separa a neurose da psicose é imprecisa e admite-se que ao longo de uma análise, inesperadamente ou não, eclodam “núcleos psicóticos” detonando angústias insuportáveis, alterações na transferência e ocasionado rupturas no contrato analítico que vão do acting-out à interrupção da análise. Esses fenômenos justificam, para muitos analistas, o abandono da estratégia interpretativa em proveito de “intervenções mais ativas” visando oferecer o eu do analista como suporte identificatório ao ego fragmentado do paciente⁴. A teoria lacaniana do significante empreende uma rigorosa demarcação de fronteiras entre a neurose e a psicose, enxuga o domínio dos fenômenos

²cf. Roudinesco, E. Jacques Lacan, Esboço de uma vida história de um sistema de pensamento, Cia Das Letras, R.J., 1994

³Esse termo compreende indivíduos muito diferentes que têm em comum a propriedade de colocarem dúvidas quanto ao diagnóstico. São casos borderline entre a neurose e a psicose ou entre a neurose e a perversão. São pacientes que sem serem fenomenologicamente psicóticos ou perversos manifestam traços dessas estruturas ao longo do tratamento, razão pela qual muitas vezes presume-se que tenham personalidade psicótica ou personalidade psicopática.. São ainda conhecidos como personalidades narcísicas, tipo clínico que Freud diferenciou de neuróticos e psicóticos e que reúne indivíduos cujo conflito patogênico se dá no âmbito das relações do eu com o ideal, diferentemente dos psicóticos cujo conflito é com o mundo externo e dos neuróticos cujo conflito é com pulsões. Conhecidos ainda como pacientes limite, estados limite ou casos limite caracterizam-se pela intensa angústia psicótica, pela forte afeição ou hostilidade transferencial acompanhada de permissividade nas relações amorosas, pela impulsividade e pelos constantes “acting-out” que configuram rupturas do enquadramento analítico. Cf. Coelho dos Santos, T. 1997.

⁴Essas afirmações referem-se às conclusões de um trabalho de pesquisa que em preendi entre 1991 e 1996 com auxílio da FAPERJ e do CNPq e que se chamou: Subjetividade e Cultura; uma história da direção da cura psicanalítica. Examinei e tratei comparativamente as publicações científicas das sociedades de formação de psicanalistas ligadas à IPA e de duas sociedades lacanianas do Rio de Janeiro. Essas informações podem ser examinadas em detalhe nos seguintes relatórios de pesquisa: Coelho dos Santos, T. FAPERJ/1993 e CNPq/ 1996.

legítimamente considerados psicóticos reduzindo-os aos chamados fenômenos elementares: alterações que se manifestam no domínio exclusivo da linguagem⁵. Destitui de importância as chamadas alucinações visuais em proveito das alucinações verbais, que são onde se podem verificar alterações de linguagem como neologismos e frases interrompidas. Esses dois fenômenos demonstram a relação da psicose com a falta de um significante, com a falta na cadeia significante de um significante essencial ao seu funcionamento: o significante do nome/não do pai. A psicose na teoria lacanianana é uma estrutura psíquica que é efeito da *Verwerfung* do nome/não do pai.

Essa parte do pensamento laciano, foi muito difundida, e tornou-se obrigatório não hesitar diante do diagnóstico, decidindo firmemente quando é de neurose ou de psicose que se trata. Deixou de ser legítimo admitir a transição de um estado normal de neurose para um estado psicótico. A ocorrência em nossa prática dos chamados estados limite ou borderline, passou a ser encarada como o resultado de uma insuficiência do diagnóstico. Nesse pequeno artigo, gostaria de chamar a atenção do leitor para alguns aspectos do percurso teórico-clínico laciano. Estes aspectos apontam para mudanças na concepção da função paterna com consequências, em particular, para a questão da possibilidade de passar de uma estrutura clínica à outra. É isto, o que me parece estar em jogo nos chamados casos borderline. São três aspectos da teoria lacanianana da função do pai que penso terem sofrido modificações. Em primeiro lugar, a diferença que Lacan foi levado a fazer, mas que não fez desde sempre, entre complexo de castração e complexo de Édipo. Em segundo lugar, a progressiva separação do registro do real da realidade. Em terceiro lugar, a separação entre os conceitos lacianos do falo e o do nome do pai, pluralizando os nomes do pai⁶.

⁵Cf. Lacan, J. Seminário Livro II: As Psicoses (1955/56) e “Uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses” in *Ecrits*, 1966

⁶ A importância dessa mudança de um ponto de vista causal para um ponto de vista estrutural das psicoses foi também observada por Pommier (1994): “Si bien qu’il vaut la peine de relire la ‘Question Préliminaire’ en ayant présent à l’esprit une notion postérieure à son élaboration, celle de la pluralité des Noms du Père, lecture qui permet de disposer d’un instrument de compréhension ‘structural’ et non causal, plus conforme à la clinique. En effet, dans l’algorithme de la méthaphore paternelle, la symbolisation du phallus ne se réalisera jamais seulement parce que ‘la

Na teoria lacaniana, desde 1958, o sujeito do desejo inconsciente surge em consequência de uma operação constitutiva que é a metáfora paterna⁷, que de início confundia-se com a função do pai, no complexo edípiano. Ao pai edípico foi atribuída a função de introduzir (agente) a castração nas relações entre mãe e filho. O nome do pai, objeto fálico de natureza simbólica é uma metáfora do objeto do desejo da mãe que separa a criança do falo, objeto imaginário do desejo da mãe, com o qual estaria confundida. O pai é um significante que representa o objeto inconsciente do desejo da mãe, que de outro modo ficaria fixado imaginariamente à criança. O sujeito comparece como efeito dessa operação de substituição metafórica do objeto do desejo da mãe pelo nome-do-pai.

Pode-se verificar que neste momento Lacan postula a anterioridade da linguagem como condição do advento do sujeito mas, ao mesmo tempo, acredita que é o pai quem introduz o sujeito na linguagem. Essa idéia de que o pai é o agente da castração, responsável pelo advento do sujeito e pela aquisição da capacidade metafórica essencial ao domínio da linguagem, será reformulada no Seminário XVII. Até esse momento da teorização lacaniana ficou entendido que a criança estaria mergulhada numa relação dual com um Outro não barrado. Neste caso, a omissão paterna excluiria o indivíduo psicótico do simbólico, da linguagem, do laço social. Desse abuso teórico, de atribuir a função da falta, da castração, ao pai, Lacan se defenderá afirmando: “Nunca falei do Édipo senão como metáfora”. No Seminário XVII afirmará, enfaticamente, que “não há Outro não-barrado e muito menos relação que seja dual”. Dirá, ainda, que o agente da castração é real, é da

mère chercherait auprès du père le phallus, en cessant de ce fait de le demander à son enfant. On voit que cette lecture d'époque reste aujourd'hui insuffisante, puisque le fait qu'un homme soit désiré par la mère ne suffit pas à le qualifier comme Père. Il s'agit seulement de sa fonction phallofore, rien de plus. Pour que cet homme soit qualifié comme Père par l'enfant, encore faut-il que ce dernier passe cet homme à la molinette edipienne selon les arcanes du meurtre du père. Sa fonction de nomination sera ainsi accomplie, le nom étant donc tout ce qui reste du père après cette opération. Il faut donc compléter l'algorithme en pensant qu'une certaine instance de la paternité va (ou ne va pas) en symboliser une autre: c'est ce que permet la notion de pluralité des noms du père.” (pags. 10/11)

ordem da pura articulação significante e, não se sabe porque veio a ser concebido, na ordem do mito, como pai.

A teoria da psicose como efeito da *Verwerfung* do nome-do pai impõe uma clara delimitação estrutural na clínica: ou *Bejahung* do nome do pai e então neurose/ perversão ou *Verwerfung* e então psicose. Na psicose, o não advento do pai em posição de metáfora do desejo da mãe, deixaria o sujeito à deriva, numa espécie de limbo, eternamente esperado mas “não advindo ainda”. Sem essa ancoragem no mito edipiano, na carência desse significante privilegiado (o significante do non/nome du père), não haveria para o sujeito possibilidade de produzir metáforas do falo. Consequentemente, o desejo inconsciente compareceria como algo externo ao indivíduo (à céu aberto) não implicando a ele próprio como sujeito desejante. O fundamento da interpretação é justamente a suposição de um sujeito inconsciente. A interpretação é uma metáfora do desejo do sujeito. O desejo inconsciente é, não menos, da ordem de uma metáfora do desejo originário indizível. Se não há sujeito na psicose, como, então, justificar o ato psicanalítico ? Ou, pior ainda, na medida em que interpretar supõe a função do pai como agente do advento da metáfora do desejo, esse ato pode desencadear efeitos catastróficos. Eis um problema prático para o qual Lacan advertiu: o da ética psicanalítica diante da psicose. A partir de Lacan cresceu a importância do diagnóstico, pois o manejo da transferência já não poderia, em hipótese alguma, ser o mesmo na neurose e na psicose. Essa importância acentuou-se face ao risco de que o ato interpretativo do analista fosse, ele próprio, desencadeador de uma psicose até então latente. Tornou-se uma ameaça intolerável à ética psicanalítica, navegar em águas turvas e imprecisas descuidando de uma decisão definitiva à respeito dos chamados casos-limite. Tornou-se imperativo decidir, nesses casos, se é de neurose ou de psicose que se trata. A outra face dessa moeda foi reduzir à presença dos chamados fenômenos elementares (distúrbios de linguagem) os elementos diferenciais, que justificam o diagnóstico de psicose. Desde esse ponto de vista tornou-se um erro teórico-clínico falar em pacientes borderline, ou em casos-limite.

Na medida em que foram modificados alguns aspectos da teoria lacaniana do significante é preciso repensar as estruturas na psicose. É preciso reconsiderar a questão escapando à perspectiva determinista e causal tal como foi originalmente postulado

mecanismo psíquico da psicose por Lacan. É necessário considerar a causalidade de uma forma mais propriamente estruturalista, aprofundando a relação com as estruturas da neurose e da perversão e investigando a possibilidade de mudanças de uma estrutura para a outra. Nessa perspectiva, talvez não seja um absurdo falar em pacientes borderline.

2) Detalhando alguns desenvolvimentos do pensamento de Lacan e extraindo suas consequências clínicas

a) O complexo de castração e o complexo de Édipo

Para Freud a cultura constitui-se a partir da exclusão (assassinato do pai da horda primitiva) do gozo. O mal-estar na cultura é a consequência desse passo. O complexo edipiano é o evento ontogenético que introduz cada sujeito no destino inevitável da espécie humana que é desejar. A ameaça de castração, a função do pai edípico obriga o sujeito a renunciar a uma satisfação imaginária, o desejo incestuoso pela mãe, na realidade contentando-se com desejá-la na fantasia. O sujeito desfrutará por meio da linguagem da fantasia de uma satisfação proibida na realidade. O objeto do desejo em Freud toma sua consistência a partir do mito: seja no mito do assassinato do pai primordial, seja no evento do complexo edipiano, onde o real e a realidade se indiferenciam. O real da castração fica obscurecido pelos mitos que a envolvem e que encobrem com seu saber suposto, a impossibilidade de um saber sobre as origens. Passo a comentar, sem a preocupação de ser exaustiva, as relações entre a teoria lacaniana do significante e o complexo de Édipo. Acredito que Lacan caminhou no sentido de diferenciar o mito edípico da estrutura da linguagem⁸, embora não tenha tido essa preocupação desde o começo do seu ensino. Quero extrair as consequências desse gesto para minha reflexão sobre as relações da psicose com a linguagem⁹, com a metáfora, com o simbólico e - porque não? - com a interpretação analítica. Somente em 1970, Lacan fará a diferença entre a castração na linguagem que é a falta real de um significante capaz de nomear o desejo feminino e a ameaça de castração

⁸Cf. Coelho dos Santos, T. et alli “ O sujeito da psicanálise e a lei que o constitui” in Cadernos do tempo psicanalítico, SPID/RJ, (no prelo)

⁹Cf. Esse assunto foi tratado de maneira aprofundada em Coelho dos Santos, T. , “A psicose paranóica na teoria lacaniana do inconsciente” (inédito)

que é uma falta imaginária, fantasia edípica, que antes encobre a falta real do que a revela. O pai edípico é aquele que supomos ter o objeto do desejo e poder privar o filho deste. O complexo de Édipo é um mito sobre as origens do desejo, pois a linguagem está sempre aí e não sabemos nada sobre as origens. Foi preciso rever essa idéia de que é o pai, no Complexo de Édipo, quem introduz a castração e constitui o sujeito do desejo inconsciente. No rastro da antropologia de L. Dumont, pode-se concluir¹⁰ que o complexo de Édipo é apenas o mito hegemônico da sociedade ocidental cristã, individualista. Para ser um indivíduo nessa cultura é preciso estabelecer com o pai uma relação paradoxal. É preciso adotar suas insígnias, constitui-lo como seu ideal e, ao mesmo tempo, desviar-se desse destino provando ser uma exceção à regra, à norma, ao ideal representado pelo pai. Irônicamente, o indivíduo, essa categoria altamente valorizada da ideologia individualista é um sujeito dividido entre ser e não ser igual ao pai¹¹. O complexo de Édipo deixa como rastro identificatório uma fantasia de desejo com o objeto do desejo do pai.

Uma leitura antropológica acerca das raízes culturais do mito edípico levou Lacan a questionar o valor desse mito, enquanto o único mito a estruturar a fantasia de desejo. Penso que esse passo aprofunda a diferença entre real e realidade, entre o agente da castração e o mito paterno, entre o objeto do desejo - que será designado como objeto a - e a mãe. Podemos então medir o alcance de algumas diferenças entre a teoria freudiana e a lacaniana da falta na neurose e na psicose. De acordo com Freud, a perda da realidade na neurose constitui em lugar da realidade perdida, do objeto perdido, uma fixação da libido no objeto da fantasia, o objeto do desejo inconsciente. Na psicose, a perda da realidade não deixa nenhum traço inconsciente. A libido retirada do objeto regride para o eu, que se torna seu próprio objeto. A hipótese freudiana sobre a introversão da libido para o eu, foi desenvolvida no âmbito do Caso Schreber como uma transformação da gramática pulsional. Neste artigo Freud distingue a frase “Eu o amo” como a estrutura básica, o que

¹⁰Sobre isto consultar: Calligaris, C. “La structure psychotique hors crise”, in 1958/1993 L’ abord des psychoses après Lacan, Fondation Européene pour la Psychanalyse, Points Hors Ligne, 1994

¹¹Cf. Freud, S. “A dissecção da personalidade psíquica” in Novas Conferências Introdutórias, ESB, Vol, Zahar Eds, 1976

nos permite especificar o retraimento da libido para o eu na psicose a partir das transformações: **Eu não amo de modo algum/Eu amo só a mim mesmo.** Essas estruturas relacionam-se com a teoria freudiana de que a estrutura do inconsciente na psicose consiste em **“tomar as palavras como as próprias coisas”**. A incidência da castração na psicose, dado que o objeto que ele investe é o próprio eu, fica evidente. O eu na psicose identifica-se ao significante fálico. O falo é o significante puro, e não há nenhum significante que esteja em relação com ele. Trata-se de um significante que significa a si mesmo, ou que não significa nada. Em consequência, tomar as palavras literalmente não é um índice da ausência da castração (ausência de articulação significante própria à função metafórica da linguagem) e sim a radicalização da condição do significante.

Temos que afirmar a presença da castração na psicose mesmo admitindo que, não há, nessa estrutura, a mediação da função mítica do pai edípico como agente da castração. Se a castração vem a ser, como Lacan a redefiniu, uma falta real na estrutura¹², como é que ela poderia estar ausente na psicose, dado que é condição da própria concepção de estrutura. É preciso situar como é que opera a castração na psicose, se, não há para o psicótico, a mediação da fantasia edípica da ameaça de castração. Nesse trabalho, quero sugerir a hipótese de que a castração para o psicótico não é uma ameaça ou uma fantasia ligada ao desejo de um objeto proibido. A castração deve estar à mostra, á tona, deve, contrariamente ao que faz o neurótico que a disfarça, **exibir-se**. Penso que isso se pode avançar a partir das diferenças entre o inconsciente freudiano e o lacaniano.

b) Neurose e psicose, real e realidade para Freud e para Lacan

¹² Miller (1997) faz igualmente, o registro dessa diferença entre Freud e Lacan, observe-se os trechos que se seguem:

“Isso aí introduz a falta fundamental, de maneira que, e, seu seminário, À relação de objeto`a primeira coisa que Lacan faz é apresentar a falta do objeto.... Isso levou Lacan mais além do Seminário 4, a localizar o desejo na articulação, como décalage entre significante e significado.... Isso se coordena e vncula diretamente com a noção freudiana de castração. Lacan faz da castração o nome da falta fundamental que nenhum objeto pode tampar, fato não tão evidente na leitura de Freud. Por todo um tempo, Lacan considerou que a castração freudiana, o complexo de castração, tinha o estatuto de fantasia. Na perspectiva da castração como o nome da falta fundamental, não se trata de uma fantasia, mas de uma constante da própria articulação simbólica. (pag.460)

De acordo com Freud, a perda realidade na neurose e na psicose tem efeitos diferentes¹³. Penso que o que Freud entendia por “perda da realidade” referia-se a hipótese de um vínculo original, incestuoso, com um objeto - que uma vez interdito - deixaria seus vestígios nas fantasias inconscientes do neurótico, o complexo de Édipo, enquanto que na psicose nenhum rastro desse tipo teria se formado¹⁴. Assim, os objetos investidos pelos neuróticos são “substitutos” disfarçados do objeto perdido, enquanto que os objetos na psicose são o que são não remetem a outros significantes logo, de sua gênese, não há rastro nenhum, eu acrescentaria eles vêm do nada, são inventados. Na medida em que Freud situa o objeto perdido no âmbito da realidade (o objeto materno, incestuoso), a perda da realidade na psicose, poderíamos concluir, é a perda da própria perda. Freud não faz a diferença entre real e realidade, entre a falta constitutiva da estrutura da linguagem e a falta no sentido da culpa, associada ao desejo incestuoso, edípico.¹⁵

Ao contrário de Freud, Lacan foi progressivamente diferenciando o real da realidade. Distinguiu o objeto causa do desejo do objeto edípico, distanciando o referente do inconsciente (objeto a) do objeto incestuoso (objeto materno). Esse percurso vai conduzi-lo no sentido de não atribuir ao pai edípico a função de agente da castração. A função do pai edípico é antes uma impostura, uma mentira sobre a impossibilidade de um saber sobre a causa do desejo. O inconsciente, para Lacan, estrutura-se como a linguagem, isso é verdade tanto na neurose como na psicose. A fala e sua relação com o que falta à linguagem, é que apresentam-se diferentemente. A dimensão do inconsciente manifesta-se na sua radicalidade na psicose. O significante, tomado na sua literalidade, perde a propriedade da equivocidade e exhibe com certeza sua propriedade de constituir o significado. Nas palavras de Freud, a psicose é “tomar as palavras como coisas”. Para Lacan essa não é a definição do inconsciente na psicose e sim a definição do que é o inconsciente, um pensamento sem “qualidades”, um “pensa coisa”. O referente do discurso inconsciente não são os conceitos da língua (referente mental) nem a realidade física ou

¹³Freud, S. “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924) in, vol. XIX, ESB, Imago Eds. , RJ, 1977

¹⁴Freud, S.” Neurose e Psicose”, (1924/23) in, vol . XIX, ESB, Imago Eds., R.J., 1977

¹⁵Freud, S. “Esboço de Psicanálise” (1940/1938) in, vol XXIII, ESB, Imago Eds., R.J., 1977

social (referente externo). A linguagem é para Lacan o lugar do significante puro. A falta de um referente na realidade ou na mente é constitutiva da estrutura significante, pois o significante não significa nada. Lacan postula uma autonomia do significante com relação aos significados estabilizados na história pessoal, na cultura, na realidade física ou social. Retornando a Freud, na neurose, a perda da realidade é parcial e a libido desinvestida dos objetos fica retida na fantasia. Podemos entender essa afirmação freudiana no quadro da reflexão de Lacan se entendemos que a fantasia de desejo do neurótico é baseada num mito da nossa cultura, o mito edípico. Para a civilização ocidental cristã, o pai é o agente que interdita o desejo, que o proíbe e nos ameaça de castração. A fantasia neurótica encobre a impossibilidade de um saber sobre o objeto, mascarando-o com a impostura materna. É por isso que a linguagem na neurose recua diante de sua virulenta capacidade de “inventar o objeto” dando lugar à formações simbólicas interpretáveis segundo a lógica edípica (há nelas um saber suposto), pois podem ser remetidas a um solo comum de crenças, de valores, de usos linguísticos que permitem circunscrever e limitar as bordas da singularidade do sintoma. De acordo com Lacan, isso é o recalque, a vigência desse limite a conservar em relação à Coisa (das Ding), o referente do significante. O efeito da metáfora paterna é o de reduzir a falta real (castração) na estrutura à ameaça imaginária da castração pelo pai, seu representante na linguagem. O recalque se explica pela ambiguidade da função paterna. O nome do pai é o representante de uma ausência na estrutura, de uma carência significante. Significa dizer que por razões de estrutura, não se sabe o que é um pai. A função do pai é “velar” essa falta (a castração na estrutura). Ele a encobre, ao mesmo tempo a revela, vela por ela, mantém aberta a atividade da significação. A função do nome do pai é sempre ambígua, pois é o sujeito suposto saber, esse, que o neurótico - a histérica - diz que é impotente, justamente porque não sabe nada. Esse mesmo que para o neurótico obsessivo nunca está a altura de sua função.

A forclusão (*Verwerfung*) do nome do pai constitui a estrutura do sujeito na psicose. Gostaria de acrescentar que o objeto do desejo é rejeitado no sentido de não representado simbolicamente conforme as exigências da cultura. A rejeição simbólica torna-se uma monumental exigência de trabalho. Isso posto, nos permitimos concluir que na psicose, o objeto é forcluído do simbólico (não é incluído simbolicamente segundo o mito hegemônico

da nossa cultura: Édipo) e retorna na sua condição verdadeira, efetiva, real de significante puro. Retorno a minha hipótese: se o objeto na psicose não se disfarça como convém, então exhibe-se. Há uma afinidade de estrutura entre a psicose e a consequência do real que é o inconsciente como pura articulação significativa. Lembro aqui, que o objeto do desejo inconsciente não é da ordem da realidade, seu estatuto é real, isto é, impossível de conceber senão como mito ou como pura invenção. As formações do inconsciente na neurose e a experiência do inconsciente na exterioridade, própria da psicose, não são fenômenos idênticos do ponto de vista da estrutura, ou da linguagem, como seria preferível dizer, desde a retomada do texto freudiano por Lacan. O objeto na neurose oculta-se, esquiva-se, enquanto que na psicose, isso, o real da falta, mostra-se.

c) O falo em Freud e em Lacan

Ao contrário do que geralmente se escreve a respeito do pai e de sua relação com o significante fálico, o pai não é o falo nem tem o falo¹⁶. Isso porque o falo não é a representação do sexo anatômico ou psíquico masculino e sim a propriedade erógena, enquanto, justamente, ela pode faltar aos órgãos sexuais. Falta ao órgão a garantia de que entrará em função. A função fálica não é, por essa razão, uma “representação” do órgão e sim a pura diferença entre presença e ausência ou entre o gozo e o desejo. É o significante em torno do qual erguem-se as angústias de castração¹⁷. A dissimetria que Freud descobriu quanto ao Édipo feminino e masculino depende de uma dissimetria do significante. Não há dois sexos, apenas um, o falo, logo o que orienta o desejo para ambos os sexos é a relação com a castração. O homem, na medida em que pensa ter o falo é vítima da ameaça de perdê-lo. Enquanto que, vítima da confusão entre o falo e o pênis, a mulher reivindica o falo, ignorando que ninguém o possui. Cada um a seu modo zela pela distância em relação

¹⁶ Agradeço ao Dr. Horus Vital Brazil pela sua insistência em nos recordar a importância dessa formulação sobre o falo.

¹⁷ Em “A significação do falo”, Lacan precisa que o falo é o significante da diferença sexual e não releva da diferença anatômica entre os sexos, pois do ponto de vista da anatomia há dois sexos, enquanto que do ponto de vista do inconsciente só há um único órgão sexual, ele é ímpar, não tem equivalente e não se refere portanto a nenhum outro significante.

ao gozo. A fantasia de castração, supõe a crença que alguém o possua é, como se vê, a única garantia do desejo. Freud disse que a angústia de castração é o meio pelo qual a feminilidade é repudiada por homens e mulheres. Todavia, segundo Lacan, a feminilidade não é repudiada, é impossível, e não a repelimos, ela nos atrai. Atração pela falta que é a fonte dos fenômenos que Freud reuniu sob o termo de regressão e que para Lacan é o que testemunham todos os eventos psíquicos que atribuímos à pulsão de morte. Atração pelo vazio, vontade de destruição direta, de começar com novos custos, é a fonte da criação ex-nihilo, a partir do nada.

Embora em nossa cultura seja atribuída ao pai a função fálica e foi com essa organização que Freud trabalhou, penso que depois de Lacan não é mais possível confundir uma coisa com a outra. Do mesmo modo, não se deve tomar o falo como símbolo do pênis, porque o conceito tem relações com isso mas, não se reduz a essa dimensão. Desde a significação do falo¹⁸, Lacan já advertia que não há relação sexual. Logo, a posição subjetiva neurótica, psicótica ou perversa diante do falo não é uma consequência da realidade anatômica. O falo é o único órgão sexual e não tem correspondência simbólica, como frequentemente se diz, com o órgão genital masculino. O complexo de castração é o nó que estrutura dinamicamente aquilo que os sintomas comportam de analisável na neurose, na perversão e na psicose. A fantasia de um Outro a quem não falta nada, de um Outro que seja fálico é nuclear em todo sintoma. Isso posto, será preciso estabelecer como se dá a função fálica na neurose, na perversão e na psicose. Digamos que para o neurótico o falo é recalcado. Recalcar é atribuir o nome do pai ao desejo incognoscível e angustiante do Outro. A posição do perverso é a de instituir o fetiche como símbolo do falo que falta ao outro, renegando a relação estrutural que esse significante tem com a castração que é o

¹⁸”Isso mostra uma relação do sujeito com o falo que se estabelece sem levar em conta a diferença anatômica entre os sexos. Esta maneira de colocar este problema, nesta época, é o que Lacan retomará repetindo sempre, que não há relação sexual, o que quer dizer que o inconsciente não conhece o sexo. Ele só conhece a relação com o falo, o inconsciente não diz ao sujeito de que sexo ele é, ao contrário, ele lhe diz que está em relação com o falo, quer seja homem ou mulher.” (pag. 20) Clastres, G. A significação do falo, Transcrição/6 Publicação da clínica freudiana, Fator Ed., Bahia, 1990

desejo no Outro. A posição subjetiva do psicótico diante do falo geralmente se diz¹⁹ é a de não recalá-lo, o que significa excluí-lo ou melhor dizendo rejeitá-lo, no sentido de não saber servir-se do nome do pai para recalá-lo. Que relação tem a psicose com o falo? Para esclarecer essa questão será preciso fazer a diferença entre a função do falo como significante do desejo e a questão do reconhecimento do Outro. Se há apenas um significante que orienta o desejo, então o sujeito não poderá jamais ser reconhecido pelo Outro. O campo das leis da palavra, das leis humanas, das trocas simbólicas, da dívida e da dádiva, das leis que regulam as alianças e as proibições não é próprio para reconhecer o desejo. Lacan sustentou²⁰ que a loucura é a consequência de uma palavra que renunciou a ser reconhecida e que culmina numa linguagem sem dialética, que exclui o Outro. Essa posição confunde a significação fálica com o reconhecimento do Outro na dialética intersubjetiva. Como aponta Rabinovich²¹, Lacan²² começa a desfazer esse equívoco. Miller²³ assinalou que Lacan abandona a conceito de desejo como desejo de reconhecimento quando introduz a diferença entre as leis que estruturam a palavra (e as relações intersubjetivas) das leis da estrutura da linguagem, que são o deslocamento e a condensação. Lacan demonstra que essas leis equivalem na linguística estrutural à metonímia e a metáfora. A metonímia é a conexão de um significante com outro significante. Sua estrutura provoca uma elisão na relação do significante com o significado, instalando a falta do objeto. Elidir consiste em designar uma coisa pelo nome de outra coisa que lhe serve de signo, suprime a coisa (suas particularidades e sua natureza) remetendo a significação a um outro significante. Um significante será, então, o que remete a outro significante. Dessa estrutura resulta o valor da significação como desejo. A significação aponta a falta do objeto que é a causa desse desejo. O desejo é metonímico, é desejo de

¹⁹ Ainda segundo Clastres, o psicótico exclui o falo. Eu retificaria essa afirmação dizendo que o psicótico exclui não faz do pai o significante que deve representar o falo. Por conseguinte, expõe-se à tentativa de sê-lo para o Outro.

²⁰Lacan, J. (1953/1966) “Fonction et Champ de la parole e du language”, in *Ecrits*, Ed. Seuil, Paris

²¹Rabinovich.D.(1986) “Sexualidad e Significante”, Ed. Manantial S.R.I, Los Ensayos, Buenos Ayres, Argentina

²²Lacan, J. “L’instance de la letre ou la raison depuis Freud”, in *Ecrits*

²³Miller, J.A. (1987) “Lacan Esclarecido”, Jorge Zahar Eds, Rio de Janeiro/Brasil

outra coisa, de outro nome. Já a metáfora funda-se na substituição significante. O efeito dessa substituição de um significante por outro significante é a criação de sentido novo, o sentido do sintoma. A operação metafórica de que fala Lacan corresponde ao recalque freudiano, por isso a significação metafórica é inacessível para o sujeito, ou recalçada. A interpretação psicanalítica refere-se à significação metafórica do sintoma, no entanto, como Lacan veio a reconhecer bem mais tardiamente, todo sintoma comporta algo de não interpretável que remete a um gozo pulsional que se satisfaz diretamente nele.

A sexualidade é o efeito da estrutura significante, onde o objeto falta. O significante falo constitui-se no plano imaginário em associação com a castração da mãe, é portanto, um objeto que falta. O falo da mãe é um objeto que não se pode ver. O objeto fóbico e o objeto fetiche se²⁴ produzem em lugar da descoberta do desejo, da castração da mãe. Com esse giro, entende-se que o mais importante no imaginário concentra-se na imagem que não pode ser vista. O que “não se pode ver”, se pode esperar ver, acreditar ver e até inventar que se vê. De acordo com Miller²⁵, esse objetos têm uma relação muito estreita com o desejo do Outro materno, são o seu falo metonímico (significantes da demanda da mãe) e enquanto imagem negativa introduzem a simbolização, a elisão da coisa, o fundo de ausência sobre o qual o falo como objeto simbólico poderá vir a existir. A produção do sintoma depende de uma outra dimensão do falo, a de objeto simbólico, ou da presença do falo. O pai é uma metáfora, um mito, uma presença que se cria sobre o fundo de ausência, a castração da mãe. O falo enquanto presença propicia a substituição metafórica dos significantes (metonímicos) do desejo da mãe, pelo significante paterno, o nome do pai. Vemos que a metáfora e a metonímia participam da produção do lugar onde o sujeito de desejo advirá como significação fálica. A metonímica é a operação de elisão que esvazia o significante de significado constituindo o falo como ausência, como falta de sentido. A vertente metafórica do significante decorre da substituição dos significantes do desejo da mãe (falo negativo) pelo nome do pai, (falo positivo) fazendo advir o sujeito como resposta sintomática, como significação imaginária induzida pela ação do significante. Fica esclarecido então que a

²⁴Miller, J.A. (1987)

²⁵Miller, J. Lacan Esclarecido, Zahar Es., Rio, 1987

vertente metafórica da significação fálica falta à psicose, a que tem relação com o nome do pai como significante do desejo da mãe. Falta ao psicótico, o significante que permite articular a lei na estrutura da linguagem com a lei na ordem da palavra :o complexo de Édipo. Faltarà à psicose a função da significação fálica que é fixar o sujeito ao seu sintoma, como homem ou como mulher. Lacan explica assim o fenômeno do gozo transsexual que se manifesta em Schreber, e sua vocação para tornar-se Mulher. O segredo da homossexualidade psicótica é fazer existir “A Mulher” como o Outro absoluto do falo como significante metonímico, significante da castração da mãe.

A descoberta da castração na psicose não se limita pela sinal de angústia (*Angstbereishaft*), pelo sintoma da castração do sujeito. O falo materno, ausente, não se oculta na psicose, exhibe-se de forma obscena e insuportável. Diferentemente do neurótico, para quem o falo materno é uma fantasia inconsciente e recalcada O Outro materno na psicose, não provoca a *Ichspaltung* do sujeito, ameaça fazê-lo desaparecer como sujeito. Falta ao psicótico um sacrifício, uma falha inscrita em seu ser por meio do seu sintoma, um esquecimento que serve ao neurótico como defesa diante do enigma da falta do Outro do materno. O neurótico, se faz sujeito censurando-se pelo que falta ao Outro. Por meio dessa manobra sintomática escapa à tentação de ser o objeto que completaria o Outro. A castração no Outro mostra-se como uma inevitável e angustiante presença na psicose. O sujeito diante da castração do Outro, por falta de um significante que possa representá-lo, limitando essa falta vê-se convocado a oferecer-se como objeto que falta ao Outro, oferecendo-se em sacrifício para obturar um buraco que não tem fundo. Para concluir, admito por hipótese, que a posição do psicótico não é a de desconhecer a castração no Outro e sim a de não resistir à tentação de oferecer-se como o objeto que poderia dar conta dela, de ser o falo que falta ao Outro. Penso que há alguma coisa em comum entre a função do fetiche na perversão e a função do delírio na psicose. O fetiche e o delírio são defesas diante da castração, que surgem em consequência do fracasso da metáfora paterna. O falo negativo é positivado na perversão por meio do fetiche, elidindo a angústia e desmentindo a descoberta do desejo materno. Do mesmo modo, o delírio limita a compulsão do psicótico em oferecer-se como objeto que falta ao Outro materno. O delírio é a invenção de uma metáfora cuja função é limitar a angustiante presença do Outro, proporcionando ao

psicótico um lugar onde situar-se como sujeito. O delírio é uma forma de suplência da função de metáfora criadora do pai. Positiva o falo, poupando o sujeito psicótico de confundir-se com o que falta ao Outro.

3) Interpretação e transferência num caso borderline

Nossa experiência nos aponta, frequentemente, para determinadas condições psíquicas em que a metáfora paterna não opera como falo positivo. O sujeito que comparece na análise está mergulhado num estado de angústia generalizado, um estado próximo do que Freud chamou de angústia automática (Automatischeangst). Esse estado contrasta com a angústia como sinal, que se associa como um resto pulsional ao trabalho de metáfora do sintoma. A carência do pai como significante do desejo da mãe instala uma constelação de alterações no eu indicativas de um estado no limite de uma passagem a uma outra estrutura. Sujeitos neuróticos exibem estados de angústia psicóticos.

Defendo nesse trabalho que certos pacientes configuram, clinicamente, uma situação de mudança de estrutura da neurose para a psicose., pela via da perversão. Tenho me perguntado que relações essa borda tem, genealogicamente, com o “declínio da função paterna” no ocidente moderno onde se verifica que o “pai da realidade” quase nunca está a altura da propalada função simbólica que lhe é atribuída: a de ser o nome do significante falo. A posição histórica, frequentemente, esforça-se por desvelar a verdade de que o pai é impotente. Incapazes de socorrer-se no nome/não do pai resvalam para atuações perversas que visam humilhar, desacreditar, destituir a função do pai. A destituição do pai como significante que representa o ser do sujeito pode ser o primeiro passo de uma exposição nostálgica à fantasia de ser o objeto que completaria uma mãe fálica.. Diferentemente da psicose, a histeria sempre se endereça a um semelhante numa economia de competição, em geral, de autoridade. Frequentemente, quer mostrar que a figura de autoridade é somente um representante da lei, enquanto que ele/ela, fala diretamente do lugar do Outro, sem intermediário, sem qualquer função de representação. Muito embora essa posição seja

insustentável, é próprio da histeria fazer as vezes de quem dá a palavra ao inconsciente.²⁶ Essa posição histórica é de extrema gravidade pois anula o valor da relação intersubjetiva, aprisionando a verdade num discurso sem dialética. As palavras tornam-se transparentes, sua potência transformadora esvazia-se ou seus poderes de persuasão ou de comando tornam-se incomensuráveis. Os frequentes acting-outs, e as interrupções intempestivas da análise desses pacientes tem aí a sua fonte. O sujeito fala mas não acredita que alguém possa ouvi-lo. O passo seguinte é o desvanecimento da condição de sujeito, passando a funcionar como “um objeto de quem se fala”. O inconsciente comparece desencadeando efeitos diretamente sobre o corpo, ameaçando sua integridade e afetando-o com uma angústia ilimitada e insuportável. Essas pessoas são vítimas de acessos de pânico em lugares públicos como restaurantes, filas de banco e shopping-centers⁷. Nessa situações, sofrem os efeitos da presença esmagadora do discurso inconsciente, diante do qual o eu é um objeto incapaz de defender-se. Quando suam incontrolavelmente, têm palpitações e até desmaiam reduzidos a nada, a lixo, a uma coisa descartável sem valor, trata-se do gozo psicótico de oferecerem-se como puros objetos ao insaciável desejo do Outro. Nesse estado, a metáfora paterna revela sua insuficiência, sua precariedade, sua não operatividade.

De acordo com Lacanⁱ o afeto de angústia²⁷ é o único que contraria a regra de que os afetos são enganadores. A angústia é o ponto de certeza, único afeto que não engana, ao contrário é o sinal da presença do desejo do Outro. Freud diferencia a angústia como sinal (Angstbereishaft) e angústia automática (Automatischeangst). Essa diferença é um índice da posição do sujeito diante da lei . A angústia automática é o índice da exposição ao desejo do Outro sem o recurso do nome do pai. A angústia sinal é aquela que se relaciona com a lei do desejo e é um índice da vigência da metáfora paterna e do valor de interditor/sedutor que ele desempenha na fantasia edípica. A metáfora paterna limita os efeitos de

²⁶ Segundo Melman (1983) podemos comparar a condição histórica com o que se passa com Schreber quando ele abre a boca. Ou bem aquilo que ele exprime é a voz do Outro e ele desaparece como sujeito, ou bem ele fala e põe em perigo o reino divinop, a existência do Outro fica ameaçada. (pag.7)

²⁷Essas considerações sobre as relações diferenciais do afeto de angústia com o objeto do desejo e do gozo foram extraídas do Seminário X L `Angoisse.

deslizamento metonímico do desejo inconsciente. A função paterna é um operador metafórico, o que limita e circunscreve o gozo sem freios da inconsciente.

A desejo e a lei têm o mesmo objeto, objeto a. É importante tomá-lo como a única prova da alteridade do Outro. A distância entre o sujeito e o objeto do gozo regula-se, em nossa cultura,ⁱⁱ pela função do nome do pai, da metáfora paterna. O nome do pai é o suporte da castração do sujeito. Mantêm a distância em relação à castração do Outro materno e impede que o sujeito se reduza a ser seu próprio objeto. Por essa razão o manejo da transferência requer a delicadeza de não deixar faltar a falta. Se a falta , falta , então o sujeito entra em angústia diante do objeto a. Ou seja ele se vê reduzido a um dos objetos a. Esses objetos são o corpo como ele é representado no inconsciente. Despedaçado, o corpo reduz-se aos objetos da pulsão: o seio, as fezes, o olhar e a voz, além da forma imaginária, do envelope imaginário e vazio do corpo humano que é o falo. Esses objetos, se o sujeito identifica-se com eles fica sujeito a uma infinidade de perturbações.

Os objetos a são os dejetos do corpo enquanto gozo. Não do corpo imagem do narcisismo e da totalidade imaginária pois essa última depende da regulação da função fálica na identificação. Mas, do corpo auto-erótico, corpo constituído pelo significante puro (eles não formam um conjunto, não há o conjunto dos significantes, eles se contam um a um) e que nunca entraram na imagem especular, pois não tem imagem, são um falo negativo. Esses objetos quando não se coordenam pela função metafórica do falo positivo, não se constituem como objetos que se possa substituir segundo as leis da circulação e da troca simbólica. Sua estrutura é imprópria à interpretação porque esta baseia-se na metáfora. O campo da fala, a estrutura intersubjetiva da palavra, lhes é completamente estranha. São metonímicos e portanto não se substituem uns aos outros mas, se contam um a um.. O objeto a, único objeto verdadeiramente inconsciente de acordo com Lacan é o significante puro, justamente na medida que o significante não faz conjunto com outros significantes e não pode significar-se a si mesmo. O objeto a, enquanto causa do desejo é um objeto metonímico, e quando a atividade metafórica se efetiva reduz-se a um resto de literalidade do significante, um obstáculo ao campo simbólico.

A interpretação na transferência tem a missão de regular-se pela intensidade da angústia. Podemos nos servir dela para sinalizar a emergência do objeto do gozo, que é o

objeto inconsciente, e para nos lembrarmos da distância a manter, do mistério a guardar com respeito a de que objeto se trata. A angústia é o *affekt* que tem uma relação de estrutura com o que é um sujeito. O advento do sujeito do desejo, numa análise, deve coordenar-se à queda, à disjunção do objeto a como causa. A prática interpretativa que depende da estrutura da palavra, da metáfora, precisa situar-se à distância segura da ambição de dizer tudo. O reconhecimento do objeto como causa diz respeito à garantia da sua relação de estrutura com a vertente metonímica do desejo. Nos estados limite ou borderline uma precariedade da estrutura metafórica expõe o sujeito a ver-se reduzido a um objeto a. Na prática analítica, a função da interpretação é restituir, estender ou instalar a vertente metafórica. A angústia ilimitada dos quadros borderline nos conduz a conceder à interpretação um valor de suplência da função da metáfora paterna.

Passo a ilustrar em poucas linhas com uma vinheta extraída da minha clínica. V.O. é uma jovem atormentada por uma síndrome do pânico que sobreveio a decisão de abortar, instalando-se, em consequência da posição de objeto a que se pretendeu reduzida nessa experiência, uma perda que não deu lugar a um luto normal. Os traços mais importantes da história familiar é a longa sujeição dessa moça a uma mãe excessivamente intrusa, devastadoramente invasora e usurpadora da intimidade e da subjetividade da filha. Ao mesmo tempo, um pai que embora se dissesse o único limite à loucura da mãe, não o foi para a própria filha. A grande afeição pelo pai não era acompanhada da convicção de que o desejo dele era o que o mãe desejava. Em poucas palavras a função de mito do Édipo não funcionava.

Acoçada pelos acessos de pânico, desmaios, sudorese intensa, fobias inespecíficas, próprios a um estado automático de angústia, deriva pelos consultórios psiquiátricos, submete-se aos mais modernos psicofármacos, sem conseguir apaziguar seu estado. Ela vem à análise, mas, me diz que não crê muito nisso “porque seu problema está no corpo, falta talvez alguma enzima”. Argumento que isso me parece verdadeiro, menos porque lhe falte alguma enzima e mais porque nunca se sabe muito bem o que fazer com o corpo quando se é uma mulher. Essa intervenção não fez sentido por muito tempo. Longe de situar-se como sujeito de um horror ao corpo feminino, ela me faz ver que o exhibe orgulhosamente nas aventuras sexuais que frequenta com o marido e onde mantém relações com vários homens

numa mesma noite, sem nunca satisfazer-se sexualmente com isso. Isso tem relações com a perversão. Ao horror histórico à castração insepulta e não simbolizada do corpo materno, vemos contrapor-se uma inversão perversa. Desmentindo a castração, o corpo feminino é oferecido como fetiche. Ao invés de servir-se do desejo do pai para simbolizar aquilo que falta à mãe é seu próprio corpo que funciona simbolicamente como o falo que falta à mãe. Apontei a homologia estrutural entre oferecer-se de médico em médico como um corpo (objeto) enigmático, colhendo o fracasso sistemático de seus mestres e a encenação onde ela oferece o próprio corpo, brincando de reduzir-se a um objeto de gozo, exibindo a impotência masculina em satisfazê-la. Ela não recusou inteiramente a interpretação mas, mostrou sua insuficiência. Revelou-me que o que ela ia buscar nas suas aventuras sexuais era uma mulher. Uma mulher, outra mulher, “não a mãe”. No coração da insatisfação histórica e de sua atuação perversa, havia a procura insaciável de uma mulher a quem ela pudesse completar e que a completaria num abraço eterno. No coração da angústia automática, ilimitada, vemos destacar-se um objeto, uma imagem, o delírio de um encontro com valor de suplência da metáfora paterna. Para essa mulher, para uma outra mulher que não a própria mãe, ela consentiria em ser para sempre, eternamente o seu bebê. O objeto dessa busca tinha a força e a compulsividade próprias à fixação pulsional, um condensador de gozo, um limite inalisável. A estrutura dessa psicose~, entretanto, evidencia seu valor de suplência da função Metafórica do não/nome do pai. A imagem dessa “outra mulher” tem a função de um limite imposto aos poderes da própria mãe sobre ela.

i

ⁱⁱ Devo lembrar que Lacan atribui à Declaração universal dos direitos do homem a introdução de uma nova ordem simbólica que guarda relações estreitas com o imperativo moral kantiano. Na Crítica da razão prática, na medida em que Kant procura desenvolver uma ética de valor universal, para alcançá-la vai requerer que se baseie num princípio cuja única forma é a exclusão do que tem um valor particular ou afetivo. A lógica kantiana funda o sujeito moderno é sujeito do desejo de “outra coisa” que não os objetos da afetividade. Lacan demonstra que a lei edípica é justamente um dos efeitos dessa exigência ética. A lei do pai exige que se deseje outra coisa que não a mãe. Por isso, o objeto do desejo, da angústia e da lei são um mesmo objeto: outro objeto que não o objeto materno.